

## A Construção do Interpretante: A Morte do Professor Girafales<sup>1</sup>

Pedro Augusto de Oliveira FIGUEIREDO<sup>2</sup>

Francisco J. Paoliello PIMENTA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### Resumo

Este artigo tem como objetivo entender como a mesma imagem pode gerar diferentes interpretantes de acordo com o repertório da mente interpretadora que atua como receptora deste processo comunicacional. O objeto deste estudo será uma imagem amadora postada na internet que faz referência ao seriado infantil Chaves (El Chaves del Ocho). A base teórica utilizada neste estudo será a semiótica de Peirce através de Lúcia Santaella. Será estudado como o repertório da mente interpretadora influencia na geração de diferentes interpretantes.

**Palavras-chave:** Chaves; interpretante; semiótica

### 1.Introdução

O seriado mexicano *El Chavo del Ocho* (ELCHAVO, 1971), criado por Roberto Gómez Bolaños no início da década de 70, é exibido no Brasil desde 1984 pelo canal *SBT*. Sob o nome de *Chaves*, o seriado infantil marcou a infância de diversas gerações brasileiras desde sua primeira exibição. Porém, devido ao fato de ter sido produzido durante os anos 70, seus atores se encontram em idade avançada e muitos destes já faleceram. Este artigo utilizará a ocasião da morte de Rubén Aguirre, ator que interpreta o personagem Professor Girafales em Chaves, em junho de 2016, para analisar uma imagem postada na página *Velhos Tempos* da rede social Facebook (VELHOS TEMPOS, 2016) que comenta a morte de Aguirre. Este comentário em forma de imagem será analisado sob a ótica da semiótica de Charles Peirce, através dos estudos realizados por Lucia Santaella, com a finalidade de entender como estar informado ou não da morte de Rubén Aguirre e ter assistido ou não ao seriado *Chaves* influencia nos possíveis interpretantes gerados pela imagem.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFJF. Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-FACOM, email: [pedrooagustoo96@gmail.com](mailto:pedrooagustoo96@gmail.com)

<sup>3</sup> Coautor do trabalho. Mestre e Doutor em Comunicação em Semiótica pela PUC-SP e Pós-Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Graduado em Comunicação Social pela UFJF, email: [paoliello@acessa.com](mailto:paoliello@acessa.com)

## 2.A Imagem



**Figura 1:** Imagem postada na página Velhos Tempos no dia 19 de junho de 2016.

(Fonte: <https://www.facebook.com/MeusVelhosTempos/posts/877663832339267>)

A descrição da imagem que será o objeto de análise desse estudo (Figura 1) será feita a partir de uma mente interpretadora que nunca assistiu *Chaves* e não está ciente da morte de Rubén Aguirre. Dessa forma, será possível verificar de forma mais eficiente como essas informações, quando presentes no repertório da mente interpretadora, interferem no processo comunicacional e nos interpretantes por ele gerado, sejam eles quais forem. De acordo com a mente interpretadora já definida, a imagem *pode* ser descrita da seguinte forma:

O que primeiro chama a atenção na imagem são os tons de azul que colorem todo o desenho. A única cor presente que foge dessa predominância é o preto, evidente nos contornos dos objetos e pessoas representados.

O ambiente da imagem é um aposento, com uma porta aberta do lado esquerdo e uma janela fechada, mas com as cortinas abertas, do lado direito. Ainda do lado direito, há uma mesa quadrada comum coberta por uma toalha. Sobre a mesa estão duas xícaras. Não é possível enxergar o líquido nelas contido; no entanto, há uma espécie de fumaça saindo da xícara. Estão posicionadas duas cadeiras: uma de frente para o observador da imagem e, portanto, de costas para a janela; a segunda cadeira está posicionada no

extremo direito do desenho, em uma posição da mesa perpendicular à da primeira cadeira.

Do lado esquerdo da imagem, a porta aberta, já mencionada, permite a visão de uma porta exterior, pertencente à uma edificação diferente. Além disso, é possível ver o chão exterior, aparentemente composto por pedras. De pé, ao lado esquerdo da porta, há uma mulher recostada com a cabeça pendendo ligeiramente para o lado esquerdo. Ela está usando um vestido com um avental amarrado na cintura por um laço nas costas, além de sapatos de salto alto. A mulher usa bobs no cabelo e está com as mãos para trás. Do lado direito da porta, ao chão, há um vaso de flores. O interior do aposento contém sombras da mulher e dos objetos nele encontrados.

### 3. Conceitos Semióticos Utilizados

Primeiramente, é necessário estabelecer que ao sistematizar sua semiótica, Peirce o fez de tal modo a estabelecer classificações sempre triádicas. Dentre elas, a relação do signo com si mesmo, do signo com seu objeto e do signo com seus interpretantes. A partir daí, é fundamental estabelecer que tais classificações coexistem na análise semiótica peirciana, de forma que em determinado processo comunicacional, esta ou aquela classificação predomina sobre as outras.

Como é possível perceber, a análise semiótica é feita sempre a partir da relação do signo com algum outro componente. Portanto, é evidente a importância de definirmos o conceito de signo de modo que possamos evoluir para outros conceitos que surgem a partir deste. De acordo com Santaella, para aqueles que estão conhecendo a semiótica, uma definição exemplar de signo seria:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. (SANTAELLA, 1983, p.90)

Ou seja, signo é toda e qualquer representação de um objeto. Por exemplo, o desenho de uma bola feito por uma criança é um signo do objeto bola, assim como uma pintura de Luís XIV é um signo do rei Luís XIV. Porém, existem três classificações de signo: o quali-signo, o sin-signo e o legi-signo. O quali-signo pode ser definido como as

características intrínsecas ao signo. Por exemplo, o desenho de uma bola tem suas próprias características: os traços e as cores nele presentes. Essas características constituem o signo, independente do fato deste ser percebido por uma mente interpretadora ou não. Sendo assim, o signo existe apenas como simples qualidade neste estágio, já que não há uma mente interpretadora para percebê-lo.

Quando o signo é percebido por uma mente interpretadora, ele passa a ser um sin-signo. Neste estágio, o signo passa a ser existente como signo em si mesmo e não como mera qualidade, já que ao ser percebido, ele gera interpretantes em quem o percebe. Portanto, o desenho da bola deixa de ser meros traços e cores para ser, de fato, uma representação de uma bola que existe e é percebida.

Já o legi-signo é alcançado quando a representação do objeto feita pelo signo contém padrões, que podem ou não serem reconhecidos pela mente interpretadora. Em um desenho de bonecos palitos, por exemplo, os traços finos e retos são padrões. Da mesma forma, o estilo das pinceladas de um pintor também são padrões.

Tendo definido as relações do signo com si mesmo, passaremos então à relação do signo com seu objeto. Tal relação só é possível a partir do momento que o signo é percebido como existente, ou seja, a partir do sin-signo. A primeira destas relações é a relação icônica. Este estágio acontece quando o signo é muito vago na relação com seu objeto, não o representando, mas apenas sugerindo-o com suas qualidades. Uma qualidade do objeto bola é o fato desta ser redonda. Porém, o simples fato da criança traçar um riscado redondo no seu desenho não significa que aquilo é, de fato, uma bola. O desenho pode estar representando uma bola, da mesma forma que pode estar representando inúmeros objetos redondos. Esta é a relação icônica: o signo apenas sugere o seu objeto; tudo está no campo das possibilidades.

Já a relação indicial é mais forte: o signo não apenas sugere seu objeto, ele o indica, o denuncia como existente. “Tudo que existe portanto, é índice ou pode funcionar como índice. Basta para tal, que seja constatada a relação com o objeto de que o índice é parte e com o qual está existencialmente conectado” (SANTAELLA, 1983, p.102). Peguemos, por exemplo, uma foto no deserto que mostre uma pegada na areia. Esta pegada na areia não está sugerindo um campo de possibilidades; ela está indicando, denunciando, de forma singular, que alguém pisou ali. Há também a indexicalidade interna de um signo, que segue uma lógica própria a este. No quadro *Interiores Vermelhos*, de Matisse, por exemplo, “O quadro ou algo similar, situado no alto do

canto esquerdo, indicia que se trata de uma parede. O vaso sobre a mesa indicia que se tem aí uma mesa” (SANTAELLA, 2002, p.92). Em outras palavras, o signo deixa de denunciar o objeto que representa pela conexão existente entre os dois e passa a denunciá-lo através do que outros signos indicam dentro de uma composição imagética.

Por último, o signo pode ser um símbolo. Esta relação, a qual chamamos de simbólica, acontece quando o padrão de representação do signo é reconhecido pela mente interpretadora como uma representação convencionalizada e generalista de seu objeto. Isso acontece pois o signo já não representa seu objeto por causa de uma qualidade ou por manter uma conexão com este e sim porque se convencionou que determinado signo, com seus padrões, represente determinado objeto.

Retomemos o desenho do boneco palito: traços finos e retos não têm nenhuma qualidade similar à de um corpo humano (ícone) e nem mantêm uma conexão com seu objeto. Ora, de que forma um traço reto estabelece uma relação indicando um braço, por exemplo? Isto só é possível pois os traços retos, dispostos de determinada forma, se tornaram um símbolo que formam uma representação do corpo humano a partir das inúmeras representações feitas com tais padrões por crianças ao redor do mundo.

#### 4. A Construção do Interpretante

Para nos aprofundarmos no Interpretante é necessário entender como funciona a lógica formal desse dispositivo dentro da relação triádica do signo peirceano. Para isso, começaremos citando outra definição de signo que torna mais claro o que é o Interpretante e como ele é gerado:

“Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. (PEIRCE 1931-58; 2.228 apud SANTAELLA, 2000, p.12)

Essa definição deixa claro dois aspectos fundamentais do Interpretante. Primeiro, o Interpretante por si próprio é um signo. Segundo, o Interpretante ou este signo criado na mente de determinada pessoa não é fruto de uma interpretação realizada pela mente interpretadora, algo subjetivo: ele é determinado pelo próprio signo que o gera. Portanto, pode-se concluir que o próprio signo fornece ou provoca seu Interpretante. Sendo assim, o signo não é algo vazio à espera de uma mente para lhe prover significado; ele próprio contém a gama de significados possíveis que serão ou

não atualizados pelas mentes interpretadoras, processo do qual resultará a criação do signo-interpretante em uma mente.

É importante ressaltar também que na definição acima Peirce estava conscientemente abaixando o nível de abstração lógica na tentativa de se fazer entender por seus contemporâneos, de acordo com Santaella (2000, p.12). Dessa forma, o fato do autor utilizar a expressão “mente dessa pessoa” restringiria a semiótica peirceana e a semiose aos humanos. No entanto, isso não se sustenta, já que as ideias de Peirce hoje são bases para diversos estudos que transcendem essa concepção, como a biosemiótica e a fisicosemiótica.

Dito isso, a gama de significados possíveis que um signo pode produzir é o que Peirce classificará como Interpretante Imediato. Em suas palavras o Interpretante Imediato é “o efeito total inalizado que se calcula que um Signo produzirá ou que naturalmente se espera que ele produza” (PEIRCE apud SANTAELLA, 2000, p.71). Dessa forma, na análise semiótica que se seguirá este conceito será fundamental para que possamos estudar os efeitos que o signo produzirá ou que esperamos que ele produza.

Após esse primeiro momento, ocorre, de fato, a determinação ou a criação de um signo-interpretante na mente interpretadora. Esse nível, chamado de Interpretante Dinâmico, “é o efeito real produzido sobre um dado intérprete, numa dada ocasião e num dado estágio de consideração sobre o signo” (SANTAELLA, 2000, p.73). Portanto, nesse estágio ocorre um ato de interpretação concreto e singular, de acordo com o repertório da mente interpretadora ou intérprete, como veremos na análise semiótica.

O Interpretante Dinâmico pode ser dividido em três: emocional, energético e lógico. O interpretante emocional é alcançado quando o signo produz emoções e sensações na mente interpretadora. Geralmente, signos que geram interpretantes emocionais são muito icônicos. De um modo geral, todas as mentes interpretadoras presentes em um concerto de música clássica vão atingir o interpretante emocional, mas somente aquelas que entendem mais a fundo o processo de composição e dos instrumentos daquele concerto irão extrapolar esse interpretante e identificar os padrões daquela música. Quem alcançar este estágio terá alcançado o interpretante lógico. Este se caracteriza quando o signo produz um pensamento na mente interpretadora que traduzirá este signo em outro signo e assim infinitamente.

Já o interpretante energético está em um estágio intermediário entre os dois previamente citados. Este interpretante produz uma ação concreta na mente interpretadora, seja esta ação um pensamento ou uma ação física de fato. Por exemplo, quando uma mente interpretadora contempla o quadro *Interiores Vermelhos*, de Matisse, e este gera nela uma curiosidade que a leve a pesquisar sobre o autor e outras obras de sua autoria.

## 5. Semiótica Aplicada

O objeto de análise deste estudo já está definido e evidenciado no item 2: o comentário em forma de imagem postado na página *Velhos Tempos* na rede social Facebook dias após a morte de Rubén Aguirre.

É fundamental também definir as mentes interpretadoras as quais o processo comunicacional será direcionado. Como o objetivo deste estudo é entender como o repertório da mente interpretadora influencia na produção de diferentes interpretantes. Para isso, serão utilizadas três mentes interpretadoras. A primeira mente interpretadora, ou M1, nunca foi uma espectadora de *Chaves* e nem está ciente da morte de Rubén Aguirre, ator que encena um personagem do seriado. A segunda mente interpretadora, ou M2, é espectadora assídua de *Chaves*, mas não está ciente da morte do ator que encena o Professor Girafales. Por último, a terceira mente interpretadora, ou M3, é espectadora assídua de *Chaves* e está ciente da morte de Rubén Aguirre, ator que interpreta o Professor Girafales. Dito isso, passemos então à análise semiótica do objeto.

Inicialmente, vamos nos ater a algo que pode ser comum a todas as mentes interpretadoras aqui definidas: o caráter icônico presente na imagem. Este se dá pelas sombras e pelos tons da cor azul, predominante na imagem. As sombras no interior da casa indicam que há uma fonte de luz exterior que está produzindo-as; no entanto, definir qual fonte de luz é esta não é possível. Portanto, as sombras podem apenas sugerir diferentes fontes de luz: o Sol, um poste ou um refletor, por exemplo. Já os diferentes tons de azul podem sugerir um clima melancólico à imagem. Isso porque, ao predominar na imagem, o azul retira as cores de todos os outros objetos, algo vagamente parecido com o que acontece quando o Sol se põe. É daí que possivelmente surge a melancolia: está sugerido o fim de algo, no caso, da luz que pode ser do Sol ou de qualquer outra fonte luminosa.

Partiremos então para a análise semiótica a partir de M1. A pessoa representada ao lado da porta é portadora de legi-signos de caráter indicial e simbólico. Para M1, as roupas que esta pessoa está usando indicam que ela é uma mulher. Isso só acontece porque o vestido, o avental e o sapato de salto alto usados pela pessoa, além do bobs no cabelo, são um símbolo do sexo feminino. Ou seja, eles formam um padrão socialmente convencional onde somente mulheres usam estes itens, mesmo que isto não corresponda à realidade. Portanto, ao representar um padrão do sexo feminino, o signo torna possível que M1 relacione este padrão com o padrão das vestimentas de todas as mulheres que conheceu.

A postura da mulher, representada pela cabeça encostada à porta, as mãos colocadas para trás e a perna direita dobrada, em posição de descanso, também são signos indiciais: eles indicam ausência de ação, ou seja, inércia. Inércia que está à espera de algo para ser quebrada. Em suma, a postura da mulher denuncia que ela está esperando algo acontecer. O caráter indicial da postura é fortalecido pela indexicalidade interna do quadro: sobre a mesa, estão postas duas xícaras. Há duas representações simbólicas, portanto convencionadas, de vapor que parece surgir das duas xícaras. Este símbolo indica que há algo quente dentro da xícara, um líquido, já que é uma convenção social o uso da xícara para tal fim. Portanto, o fato de haver duas xícaras e de que elas estão cheias com um líquido quente não apenas corrobora com a postura da mulher ao indicar que ela está à espera de algo; ela está à espera de alguém.

Dessa forma, dado os elementos presentes na imagem e o repertório de M1, verificamos que esta é capaz de chegar à conclusão de que há uma mulher na imagem e que ela está à espera de alguém. Portanto, M1 passou pelo interpretante emocional: a imagem produziu nele um sentimento. É difícil determinar qual o sentimento produzido pois, apesar da generalização das mentes interpretadoras aqui propostas, cada mente interpretadora é única e conta com seu próprio repertório. Portanto, elas reagem de modos muito distintos ao mesmo estímulo imagético, principalmente em um nível emocional.

Em seguida, M1 alcançou o interpretante energético, pois foi capaz de concluir algo a respeito da imagem através de uma ação mental que associou os elementos da imagem entre si e com seu próprio repertório. Mesmo assim, M1 não foi capaz de definir quem a mulher está esperando. O interpretante lógico não foi alcançado porque

ele não entendeu o motivo pelo qual a mulher está esperando alguém e se essa pessoa vai chegar ou não.

Dito isso, vamos partir agora para a análise semiótica a partir de M2 destacando o que se altera em sua percepção em relação à M1. Para M2, espectador assíduo de *Chaves*, as roupas não apenas indicam uma mulher de forma geral; elas indicam uma mulher específica: a personagem Dona Florinda.

Devido ao seu repertório, M2 reconhece o vestido, o avental e, principalmente, o bobs como sendo padrões da personagem Dona Florinda. É importante ressaltar que estes padrões existem devido às inúmeras vezes que Dona Florinda aparece usando essas roupas nos episódios de *Chaves*. Portanto, M2 associa a imagem, objeto desta análise, com o seriado *Chaves* e mais especificamente com Dona Florinda. O fato de que para M2 a mulher seja Dona Florinda altera o significado de outro elemento da imagem para M2: as xícaras. Junto com a representação convencional de fumaça, elas deixam de indicar um líquido quente para indicar algo mais específico: café. Isto porque para o espectador de *Chaves*, o café é um símbolo para o par romântico que Dona Florinda forma com o Professor Girafales. No seriado, é comum Dona Florinda convidar o Professor Girafales para entrar em sua casa e tomar uma xícara de café.

É interessante notar que ao contrário das roupas de Dona Florinda, não há nenhuma representação convencionalizada através de imagens desta xícara de café do casal. Portanto, basta uma representação convencionalizada de qualquer xícara, associada em um nível de indexicalidade interna com Dona Florinda, para que seja indicado o conteúdo da xícara: o café. Se a partir dessa indexicalidade interna M2 infere que há café na xícara, M2 consegue definir quem Dona Florinda está esperando.

Ora, se para os espectadores assíduos de *Chaves*, dentre eles M2, o café é um símbolo do par romântico Dona Florinda e Professor Girafales, e Dona Florinda está esperando alguém com duas xícaras de café à mesa, logo ela está esperando o Professor Girafales. Outro ponto que corrobora com esta conclusão, mas está apenas sugerido e por isso funcionando como um ícone é a perspectiva da imagem: no seriado, Dona Florinda sempre convida o Professor Girafales à entrar; na imagem, o ponto de vista é do interior da casa.

Em relação aos interpretantes, M2 extrapolou as conclusões de M1 devido ao seu repertório, mas também não conseguiu alcançar o interpretante lógico. Apesar de ter concluído que a mulher é Dona Florinda e que ela está esperando o Professor Girafales,

M2 não consegue entender porque o Professor Girafales ainda não chegou e também não consegue estabelecer se ele chegará ou não. Entender essas duas questões é fundamental para que a imagem alcance todo seu potencial na produção de um interpretante emocional forte.

Quem entende essas duas questões e alcança o interpretante lógico é M3. Do ponto de vista da imagem si, os elementos nela presentes indicam as mesmas coisas para M3 do que para M2. No entanto, M3 alcança o interpretante lógico devido ao conhecimento da morte de Rubén Aguirre, presente em seu repertório. É este fato que permite à M3 entender que, na imagem, Dona Florinda está esperando alguém que nunca chegará porque este alguém está morto.

Este interpretante lógico leva a um interpretante emocional muito intenso para M3. Vale ressaltar que M3 é a generalização de mentes interpretadoras de várias gerações de brasileiros que cresceram assistindo *Chaves* e que, em maior ou menor grau, desenvolveram afeto por seus personagens, inclusive o autor deste artigo.

Portanto, se colocando como um dos milhares de representantes possíveis de M3, para a mente interpretadora do autor, a imagem foi capaz de gerar um interpretante emocional de tristeza e luto muito intensos.

## **6. Conclusão**

O objeto desta análise dispõe de vários elementos que exigem uma racionalidade para serem associados e compreendidos com o único objetivo de, ao fim do processo comunicacional, produzir um interpretante emocional muito mais intenso do que aquele produzido em um primeiro momento, quando o signo é percebido. Foi possível observar com clareza a importância do repertório da mente interpretadora no processo comunicacional e como este influencia na recepção ao atualizar somente determinada parte do potencial do Interpretante Imediato, o que, por fim, altera o nível do Interpretante Dinâmico alcançado por M1, M2 e M3. Dessa forma, fica visível a fundamental importância da definição da mente interpretadora na análise semiótica para que esta possa se dar da forma mais precisa possível.

Além disso, foi possível verificar a importância do Interpretante na relação triádica proposta por Peirce. É através dele que os signos se reproduzem e ele é o lugar onde o objeto se manifesta através do próprio signo. Dessa forma, o Interpretante é fundamental para a autogeração sígnica e, conseqüentemente, para a semiose infinita.

## Referências bibliográficas

ELCHAVO del Ocho. Direção de Enrique Segoviano, Roberto Gómez Bolaños. Produção de Enrique Segoviano, Roberto Gómez Bolaños. [s.i]: Televisa, 1971. Son., color.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000

\_\_\_\_\_. **O Que É Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

VELHOS TEMPOS. **Facebook**. 30 julho 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MeusVelhosTempos/posts/877663832339267/>>. Acesso em: 01 ago.2016